

“Cotas. A quem interessa?”¹

Dandara Amorim de Aragão GONÇALVES²
Bárbara Daiana da Anunciação NASCIMENTO³
Laíne Lopes da SILVA⁴
Helen Campos BARBOSA⁵

Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, BA

RESUMO

O artigo discute a construção da narrativa audiovisual dentro do subgênero televisivo - videoreportagem. Para tanto, trazemos a tona o processo de produção da videoreportagem "Cotas. A quem interessa?", produzida por nós dentro do componente curricular "Videoreportagem" do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV (UNEB). O produto evidencia questões étnico raciais na universidade, trazendo as cotas raciais em foco. A narrativa é construída a partir de uma perspectiva política e pessoal, destacando o aspecto autoral e a linguagem híbrida entre jornalismo e documentário, características da videoreportagem. O conteúdo foi desenvolvido por um grupo de quatro mulheres estudantes, trazendo relatos das estudantes e professoras, da UNEB Campus XIV (Conceição do Coité). A inclusão de nossas subjetividades enquanto alunas negras cotistas tencionam parâmetros como objetividade.

PALAVRAS-CHAVE: ações afirmativas; subjetividades; raça e gênero; videoreportagem.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é fruto de uma atividade realizada dentro da disciplina Videoreportagem, em que fizemos um estudo sobre o modo como o jornalismo ao longo de sua história no Brasil galga legitimidade a partir de critérios como neutralidade

¹ Trabalho apresentado no IJO4 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 de julho a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, da UniJorge, e-mail: dandamorim@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social (Rádio-TV), da UNEB-Campus XIV, e-mail: babianunciacao@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social (Rádio-TV), da UNEB-Campus XIV, email: ninalaine.silva@hotmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social (Rádio-TV) da UNEB-Campus XIV, email: helenjornalismo@gmail.com

e objetividade. Com o argumento de assegurar o interesse público busca-se o distanciamento de qualquer indicio relativo ao privado. Inspirando-se no jornalismo norte americano, o jornalismo brasileiro a partir de meados da década 1950 incorpora técnicas de redação (lead, pirâmide invertida, o *copydesk*) que primam pelo distanciamento da informação, excluindo as subjetividades de quem noticia, enquanto característica de legitimidade e credibilidade. Para entender o funcionamento disso, a turma elegeu um tema para que analisássemos diversas videorreportagens que tratasse desse mesmo tema e pudéssemos entender como funcionava a estruturação de uma videorreportagem. Dentre as diversas reportagens que assistimos, chegamos a conclusão de que se por um lado, a videorreportagem era onde mais se tinha espaço para aprofundamentos temáticos, por outra a neutralidade e objetividade estavam distantes de serem elementos possíveis de serem seguidos criteriosamente. Assim, escolhemos o tema – cotas raciais em universidades. No que diz respeito ao jornalismo no audiovisual discutimos os espaços restritivos que temos para falar sobre questões étnico-raciais na academia, especialmente no que diz respeito às ações afirmativas. E nos interessava perceber como a mídia jornalística audiovisual retratava esse tema.

Entre as reportagens que assistimos, percebemos que desde a escolha de fontes, oficiais ou não oficiais, até a edição das entrevistas, ficava explícita a tendência em negatizar as cotas, mas a partir da fala dxs entrevistadxs, mas quem escolheu essxs entrevistadxs com tais opiniões? A(o) jornalista não emite sua opinião explicitamente, mas conduz uma narrativa que dificilmente será neutra. Diante dessas constatações, decidimos então, construir uma videorreportagem, gênero televisivo jornalístico que abraça a possibilidade do uso da criatividade e a visibilidade das subjetividades de quem produz, uma perspectiva destoante de uma pretensa objetividade. Karina Araújo (2010) destaca, em sua tese fruto de uma pesquisa sobre videoreportagem no Brasil, que a autoria e experimentalismo estão entre principais elementos da videorreportagem. Por isso, em: *Cotas. A quem interessa?* nós assumimos o lugar de estudantes de comunicação, integrantes do grupo de estudos e discussão sobre questões étnico-racial, e evidenciamos a relevância das cotas raciais nas universidades públicas. A perspectiva afetiva, contrapondo-se a imparcialidade, é declarada por nós, desde a escolha do tema, até escolhas das entrevistadas, onde num dos vídeos entrevistamos somente mulheres negras, explorando formas de montagem e a câmera subjetiva.

Nossa pesquisa e embasamento teórico sobre o tema contou com a visão de Rita Laura Segato (2005), que ressalta a existência das cotas raciais no Brasil a partir do contexto histórico e social do país, que ainda sofre resquícios do colonialismo e onde ser negro vai além da cor de pele. Sobre essa afirmação, a autora diz que:

[...] ser negro significa exibir os traços que lembram e remetem à derrota histórica dos povos africanos perante os exércitos coloniais e sua posterior escravização. De modo que alguém pode ser negro e não fazer diretamente parte dessa história, mas o significativo negro que exibe será sumariamente lido no contexto dessa história (SEGATO, 2005, p.04).

Nós negras e negros somos ainda "assombrados" por esse passado colonialista que ainda hoje tenta nos colocar nesse lugar de subjugação. As ações afirmativas a partir especificamente da implementação da política de cotas raciais é uma tentativa de tornar mais igualitário o sistema educacionais e por conseguinte a sociedade. Acreditamos ser uma via que torna possível a existência do poder de escolha e a liberdade da sociedade em configurar novos caminhos à sua história, uma discussão que, [...] se mostra (por si mesma) eficaz para colocar em pauta a questão racial de outra forma dentro do discurso público, quebrando a hegemonia [...] (SEGATO, 2005, p.04). Esse modo de pensar nos leva a videorreportagem, uma vez que o formato é oposto àquele telejornalismo engessado das grandes mídias. A temática nos levou assim, a um alternativo processo de produção de narrativa. “Abraçamos” a multifuncionalidade imprimindo nosso olhar de forma mais explícita, com mais liberdade participativa. Além disso, nos voltamos a nos perceber também na construção do conhecimento acadêmico.

PROTAGONISTAS NA PRODUÇÃO ACADÊMICA

A produção acadêmica pode, e deve, ser reflexo do mundo sociocultural, assim, percebemos que há mudanças políticas no cenário universitário a partir da implementação das cotas raciais. Nossos corpos negros já povoam alguns espaços antes inconcebíveis (que ainda é insuficiente) se compararmos ou traçarmos um olhar que estabeleça relação entre a presença negra na composição societária baiana e sua inserção nos espaços de ensino superior. As cotas, importante política de reparação, ainda gera

opiniões contrárias e talvez, mesmo pessoas beneficiadas por elas ao acessarem a universidade não compreendam as cotas enquanto processo político de conquista e afirmação coletiva. Essa discussão ainda precisa ganhar força, os campos para discussões identitárias raciais estão possibilitando nova formação na esfera política, que dessa maneira irá sobre-determinar o posicionamento dxs sujeitxs. Esse posicionamento transforma os projetos desenvolvidos nesse espaço.



Figura 01: Entrevista da estudante de Comunicação Social

Cotas. A quem interessa? construiu nessa narrativa audiovisual uma experimentação comunicativa que nos incluisse enquanto sujeitas produtoras de linguagem, especialmente na segunda videoreportagem da série. Nós, mulheres negras, nos apresentamos também enquanto produtoras de conhecimento e isso aconteceu de modo colaborativo e coletivo, a videoreportagem não foi pensada somente por uma pessoa. De modo geral, cada ideia foi acrescida no projeto e este fato não anula o formato do nosso trabalho, uma vez que:

Descobrimos com esta pesquisa que a videoreportagem é mais ampla, uma vez que constatamos que há variações, há outros modos de videojornalismo sendo feitos, não por uma pessoa, mas por uma equipe. [...] Ora, se há uma equipe, o produto é uma criação coletiva, não individual. Então, para nós não é suficiente uma perspectiva autoral sustentada apenas pelo critério do trabalho solitário, uma vez que existe videojornalismo coletivo. A existência em si de programas de videoreportagem já suscita uma atualização do próprio conceito de videoreportagem e de autoria na videoreportagem. (ARAÚJO, 2010, p 84-85)

As marcas criativas das produtoras são notadas no discurso exibido no vídeo, bem como no que é provocado no espectador. Isto posto, entendemos que a construção desse projeto vai além da elaboração, está atrelado à maneira que circulará e como será consumido. Um produto audiovisual com um conteúdo de relevância para se ampliar a compreensão das ações afirmativas e que possibilitasse a nós estudantes um espaço de experimentação.

DA CONSTRUÇÃO DA PAUTA ATÉ A VIDEORREPORTAGEM

A escolha do tema ao processo de criação das pautas foi um momento importante para pensar mais sobre o que são cotas. Uma etapa de pesquisa, na qual cada estudante da turma fez uma sugestão sobre onde e como deveria ser gravado. Durante a pesquisa foi observado que uma grande parte dos alunos e das alunas desconheciam o termo *ações afirmativas*, e com isso, constatou-se que ainda falta mais informação (ou busca, talvez) sobre o tema.

Nós fizemos a escolha de produzir o vídeo no ambiente da universidade. Cada entrevista foi feita em um local diferente no departamento para explorar o campus e contextualizar o tema com a realidade do campus da Universidade do Estado da Bahia na cidade de Conceição do Coité. Além disso, escolher as pessoas que tivessem uma fala e argumentos coerentes para falar sobre o assunto, já que foi pensado em entrevistar estudantes cotistas e não cotistas dos diferentes cursos presentes na UNEB Campus XIV, professores e a diretora do departamento, permitindo às entrevistadas que se posicionassem da melhor forma.

Partindo dos pressupostos e aspectos de improviso e criatividade herdada do videoativismo, no gênero televisivo da videorreportagem, optamos por privilegiar uma temática pouco discutida, tanto em sala de aula quanto nos grandes veículos midiáticos. Em meio ao processo de pesquisa e construção da pauta, percebemos a relevância de dar voz ao Grupo de estudos e de discussão étnico-racial do Campus onde estudamos, além de unir ou entrelaçar as atividades desenvolvidas na disciplina Videorreportagem e entre o referido Grupo, em que nós transitávamos e dialogávamos. Percebemos que as reuniões de estudos e ações culturais propostas pelo Grupo, ainda ocupa um lugar

“discreto” para os olhos da maioria da universidade. A construção da narrativa então, baseou-se na ideia de registrar e compartilhar essas inquietações com o restante da UNEB – CAMPUS XIV.

Nos apoiamos nas características da videorreportagem, destacando a inclusão de aspectos marginalizados ou situações que rodeiam o assunto principal de determinada fato. Arlindo Machado (2001, p. 257) chama essa construção de reportagens invertidas, visto que adotam uma posição contrária as reportagens jornalísticas, isto é, visibilizam temas e pontos de vistas que não são mostrados nos telejornais tradicionais.

A partir da pesquisa sobre o tema, que incluíram textos, produções audiovisuais – documentários e até as reportagens mais tradicionais –, e conversas em sala de aula, construimos uma pauta. A pauta é uma ferramenta jornalística que sistematiza tanto o foco ou o recorte temático da produção, como também as fontes, pessoas a serem entrevistadas e seus respectivos contatos e locais de gravação. Depois disso, fizemos um pré roteiro para gravação. O norte temático desde o começo foi: cotas raciais, porém, apesar do planejamento a primeira reportagem aconteceu no caráter de cobertura jornalística e em duas das premissas do videoativismo: improviso e criatividade. O viés temático adotado pela equipe precursora foi: registro da primeira conferência de estudantes cotistas da UNEB. Uma câmera T4i, câmera do celular, tripé, um ponto de luz e microfone unidirecional foram nossos equipamentos nesse momento.

Na segunda reportagem planejamos perceber as mulheres negras e cotistas do espaço que estávamos, visibilizar o Grupo de Estudos e Discussão, pensado justamente por possibilitar uma produção acadêmica alternativa das demais encontradas no campus. Trazer relatos que anuncie as transformações na universidade pública depois da implementação da política de cotas raciais.



Figura 02: Reunião do grupo de discussão

Escolhemos filmar em diversos lugares do próprio campus, assim revela-se possibilidades de conhecer o espaço com outro olhar. Além de tencionar a expansão da discussão, para esses múltiplos locais, buscando assim, dialogar sobre cotas no cotidiano, nos corredores, salas de aula e local de trabalho. Ainda contamos com a câmera subjetiva, que no início do segundo vídeo mostra de forma metafórica que éramos nós, xs próprixs estudantes, caminhando pelo espaço e descobrindo o campus XIV, além da câmera se comportar de maneira rápida. Na passagem da repórter, a câmera caminha com ela, sem microfone em mãos, sugere uma conversa com o espectador, configurando uma linguagem mais coloquial, distinto do tom de “seriedade” de grande parte do telejornalismo da TV aberta.

O uso da linguagem também colaborou para a construção de uma obra audiovisual subjetiva. Uma vez que, o discurso “é entendido como forma de prática social e não apenas como atividade puramente individual” (SEBASTIÃO, 2010). Assim, articulamos a reflexão para margem, percebendo a necessidade de nos ver dentro de outros tipos de experiência. Para bell hooks⁶ (1995), a teorização deve se deslocar do centro, para que não prevaleça privilégios para um grupo hegemônico.

⁶ bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins que deve ser escrito propositalmente e sempre com as iniciais em minúsculo, por uma questão política adotada pela autora estadunidense, como denúncia da invisibilidade das mulheres negras da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o olhar sobre a mídia, em especial no que diz respeito a produção jornalística no audiovisual, precisa estar cada vez mais atento ao restrito espaço às minorias, diante dessa reflexão, nosso objetivo foi o de experimentar a linguagem audiovisual a partir de um assunto que se afinava com nossa presente realidade de alunas negras de uma universidade pública do Estado da Bahia, assim não poderíamos simplesmente reproduzir o que já se fazia na atual imprensa.

Desse modo, o gênero jornalístico escolhido foi posto de forma a tencionar uma pretensa neutralidade. O objetivo foi evidenciar uma “realidade” singular e localizada em nossas próprias experiências de vida, para além disso, ressaltar o lugar da subjetividade dos produtores de conteúdos audiovisuais jornalísticos. Segundo Motta (1993), a narrativa jornalística permite justamente isso, trazer essa visão subjetiva que envolve as pessoas, a forma como os indivíduos enxergam o mundo, sendo por questões político-ideológico e experiências das relações de uns com os outros. Sendo assim,

O papel do jornalista não se limita a “descrever” pessoas que existem na vida real. A subjetivação pressupõe que se apresente a personagem como uma interpretação e uma construção e não como uma ilusão referencial, destinada a abolir a consciência da mediação jornalística. (MOTTA, 1993, p.8)

Nesse sentido, o formato da videorreportagem nos permitiu trabalhar com uma liberdade criativa maior. A produção das duas reportagens, promoveu muitas reuniões entre toda a turma, formada por cerca de 23 pessoas, num envolvimento de todos com as escolhas estéticas, bem como com o direcionamento da temática. Com isso, o assunto escolhido para a série de videorreportagens “Cotas. A quem interessa?”, nos foi possível perceber que é um assunto polêmico e ainda pouco discutido no ambiente universitário.

Através dos discursos sobre cotas está presente a naturalização de preconceitos, e, além disso, é notório que o assunto não é tratado com tanta frequência e visibilidade mesmo em espaços educativos. De acordo com Segato (2005), faltam informações no âmbito acadêmico quanto na sociedade sobre assuntos relacionados com a desnaturalização da não presença de negros e negras dos espaços sociais. E, diante da

falta de informação e até falta de interesse em buscar este conhecimento, as pessoas vão criando discursos sem embasamento teórico e por vezes até preconceituosos.

Nesse sentido, a pesquisa e a produção da videorreportagem nos fez ampliar a percepção do quanto o sistema de cotas é importante, uma vez que possibilita a inclusão de negrxs, sujeitos desfavorecidos historicamente diante uma sociedade colonizadora que instaurou a hierarquização de riquezas e do conhecimento. Politizar a técnica jornalística e ampliar o debate sobre cotas dentro das próprias instituições de ensino superior é também uma ferramenta para se tencionar a construção de saberes que excluem a experiência de sujeitos que foram empobrecidos economicamente e tiveram uma história de apagamento e invisibilidade. É necessário que mais negras e negros se enquadram nas cotas raciais, presentes em espaços educativos, e ocupem esses lugares para que sejam vistos pela sociedade, como uma possível forma de amenizar os preconceitos e desigualdades existentes. Para Segato (2005) raça é um signo, que identifica as pessoas negras que são/estão inseridas num ambiente que historicamente lhes foi negado, a Universidade, e sempre relacionado ao poder e prestígio social. Sendo assim,

A introdução desse signo modificará gradualmente a forma em que olhamos e lemos a paisagem humana nos ambientes pelos que transitamos. À medida em que o signo do negro, o rosto do negro, se fizer presente na vida universitária, assim como em posições sociais e profissões de prestígio onde antes não se inseria, essa presença torna-se-á habitual e modificará as expectativas da sociedade. (SEGATO, 2005, p.10)

Assim, Segato (2005) ao dizer que raça é signo, ela ressalta em sua obra, a significação entre a palavra e o contexto social que a envolve. Especialmente, nós mulheres negras, ocuparmos esses postos de produção de conhecimento significa recontar uma história sobre nós e aquelas que nos antecederam. Além disso, a introdução do sistema de cotas nas universidades não só contribui para a afirmação de direitos, mas também leva para o ambiente acadêmico a alteridade social, ou seja, a diversidade do povo brasileiro. Falar sobre isso, a partir da videorreportagem amplia também o alcance dessa discussão, para além dos muros da universidade.

REFERÊNCIAS

hooks. bell. **An Aesthetic of Blackness: Strange and Oppositional**, In: Lenox Avenue: A Journal of Inter-arts Inquiry, vol. 1, pp. 65-72, 1995. bell hooks;

MACHADO, Arlindo. Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas. 3. ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MATTOS, Wilson Roberto de. Ações Afirmativas na Universidade do Estado da Bahia: razões e desafios de uma experiência pioneira. In: Silva, Petronilha Beatriz Gonçalves e ET.AL. (orgs), Educação e Ações Afirmativas: Entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga (1997). “Teoria da notícia: entre o real e o simbólico” in MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). O jornal: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15

SILVA, Karina de Araújo. **Videorreportagem em três estilos: Análise de um subgênero em formação**. 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

SEBASTIÃO, Ana Angélica. **Feminismo negro e suas práticas no campo da cultura**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 1, n. 1, p. 64-77, jun. 2010. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/308>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

SEGATO, Rita Laura. Raça é signo. *Série Antropologia*. Brasília: UnB, n. 372, 2005.